

## Museu das Ilhas, Porto Alegre/RS, Brasil: um exercício museal comunitário

*Museu das Ilhas, Porto Alegre/RS, Brazil: a community museum exercise*

Ana Maria Dalla Zen\*

Ana Carolina Gelmini de Faria\*\*

Palavras chave:  
Museologia social  
Educação para o Patrimônio  
Museu das Ilhas de Porto  
Alegre, RS

Resumo: O artigo analisa como a comunidade da Ilha da Pintada se apropria do Museu das Ilhas de Porto Alegre, RS, para promover um exercício crítico e propositivo sobre a realidade. Descreve a problemática do Bairro Arquipélago, invisível para os moradores de outras regiões da cidade. Fundamentado no conceito de fato museal, considera a relação entre o homem que conhece e a realidade em que age e pertence. Discute o Museu como problematizador da realidade e produtor de sentidos e destaca o papel do inventário participativo na sua criação. Mostra como o Museu se converteu num ponto de memória local a partir de ações de Educação para o Patrimônio. Revela como o Museu adaptou-se à pandemia, ao utilizar-se das redes sociais para se aproximar da comunidade. Conclui que as pessoas são seu maior patrimônio, e que ele se tornou um espaço de articulação e resistência da comunidade mediante a constituição de um sentimento de pertença.

Keywords:  
Sociomuseology  
Heritage Education  
Museu das Ilhas of Porto  
Alegre, RS

Abstract: The paper analyzes how does the Ilha da Pintada community takes ownership of the Museum "Museu das Ilhas" of Porto Alegre, RS, in order to promote a critical and purposeful exercise upon the reality. It describes the issue of Arquipélago Neighborhood, invisible to the residents of other regions in the city. Grounded on the concept "museum fact", it considers the relation between man who knows and its reality to whom he acts and belongs to. It discusses the Museum as a reality-questioner and as a producer of senses, and it highlights the participatory inventory in its creation. It shows how the Museum transformed into a local memory spot out of Heritage Education actions. It reveals how the Museum adapted to the pandemic by using social media to approach the community. It concludes that the people are its biggest heritage, and it has become a space for community articulation and resistance through the constitution of a belonging feeling.

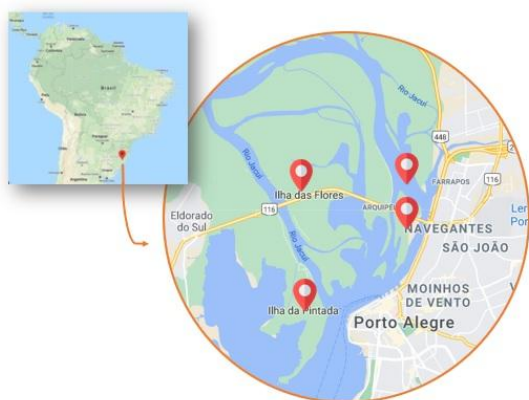
Recebido em 31 de outubro de 2020. Aprovado em 24 de março de 2021.

\* Licenciada em História (UFRGS), mestre em Educação (UFRGS), doutora em Comunicação (USP). Professora titular aposentada do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade, como professora colaboradora. E-mail: [azen@ufrgs.br](mailto:azen@ufrgs.br).

\*\* Museóloga (UNIRIO) mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade (PPGMusPa/UFRGS). E-mail: [carolina.gelmini@ufrgs.br](mailto:carolina.gelmini@ufrgs.br).

## Introdução

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, localizada no extremo sul do Brasil, é banhada pelo lago Guaíba, onde existem 16 ilhas, que, desde 1986, compõem o bairro Arquipélago. Trata-se de uma região de rara beleza, berço de fauna e flora, que foi transformada no Parque Estadual do Delta do Jacuí, por meio da Lei 24.385/1976 (RIO GRANDE DO SUL, 1976), cujo plano de manejo foi estabelecido ao ser convertida em Área de Proteção Ambiental (APA), pela Lei 12.371/2005 (Idem, 2005). Dentre as ilhas, apenas quatro são habitadas (Ilha do Pavão, Ilha das Flores, Ilha Grande dos Marinheiros e Ilha da Pintada) (Figura 1).



**Figura 1 – Localização geográfica das ilhas habitadas do bairro Arquipélago.**

Fonte: Adaptado do Google Maps, 2020.

A sua colonização se iniciou com a chegada dos imigrantes açorianos que fundaram a cidade, em 1772<sup>1</sup>, e, até metade do século XX, seus habitantes sobreviviam com a pesca artesanal e produção de hortaliças e leite para suprir a cidade. Antes, era habitada por indígenas mbia-guarani, que, do mesmo modo como se deu o processo de colonização em todo o País, foram sendo expulsos com a chegada dos imigrantes. E há indícios que no século XIX esse território recebeu fugitivos que escaparam da escravidão, e que talvez tenham constituído um quilombo numa das ilhas<sup>2</sup>.

Apesar de seu rico patrimônio cultural e natural, a região se mantém invisível para a maioria da população da cidade de Porto Alegre, sendo tão somente reconhecida como um dos bairros de

menor índice de desenvolvimento humano (IDH)<sup>3</sup> da cidade. Embora com alguns sítios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE)<sup>4</sup>, e tendo sido objeto de estudo de diversos trabalhos acadêmicos<sup>5</sup>, elementos importantes de seu patrimônio ainda permanecem desconhecidos. Para reverter tanto os indicadores de exclusão social, quanto o isolamento, um grupo de moradores da Ilha da Pintada, liderados pela Profa. Teresinha Carvalho da Silva<sup>6</sup> decidiu criar um museu comunitário, denominado Museu das Ilhas de Porto Alegre<sup>7</sup>, em parceria com o curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A museóloga brasileira Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, na década de 1980, concebeu o que em sua perspectiva seria o objeto de estudo da Museologia: o fato museal. Para a autora, o fato museal compreende “[...] a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual ele tem o poder de agir” (GUARNIERI, [1981] 2010, p. 123). Partindo dessa premissa e tendo por objeto de estudo o Museu das Ilhas, museu comunitário localizado em Porto Alegre, no sul do Brasil, este trabalho tem por objetivo, considerando o museu enquanto potência criativa, identificar como a comunidade da Ilha da Pintada se apropria da instituição para promover um exercício crítico e propositivo sobre a realidade.

## De museu vitrine a museu comunitário

Pesquisas sobre o exercício museal evidenciam que os espaços de caráter museológico devem ser compreendidos não somente enquanto instituições, mas também pela sua natureza fenomênica (SOARES, 2012a; 2012b). Um desafio contemporâneo é que os museus sejam capazes de produzir experiências que problematizem e interpretem a realidade, compartilhando-o: “O que os museus musealizam, em última instância, não é a coisa em si, mas todas as relações que ela pode encenar, e os valores produzidos nessas performances” (SOARES, 2012b, p. 196). Scheiner (2002) enfatiza a importância de se compreender o museu enquanto poderosa construção sócio-cultural:

Mais que representação, *o Museu será portanto criador de sentidos, na relação*: dos sentidos que percolam essas sensações, atos e experiências. E é desses sentidos que o Museu constrói o seu discurso. [...] Importa, pois, identificar e analisar, através dessas relações, o que o Museu representa, como representa, e sobre que estratégias se fundamenta o discurso que elabora. (SCHEINER, 2002, p. 96, grifo da autora)

Se os museus e/ou espaços de caráter museológico produzem sentidos, é importante considerar que esses se constituem como cenários ativos, ou seja, ao deterem a função de construir discursos sobre o passado, o presente e o futuro são instrumentos de expressão. Chagas (2011) destaca:

Compreender esse discurso, composto de som e silêncio, [...] de lembrança e esquecimento, implica a operação não apenas com o enunciado da fala e suas lacunas, mas também a compreensão daquilo que faz falar, de quem fala e do lugar de onde se fala (CHAGAS, 2011, p. 3).

O pesquisador Hugues de Varine (2013) salienta que nos museus de caráter comunitário a ênfase são as pessoas e não os objetos. No cotidiano museológico desses espaços, as relações reforçam experiências identitárias. Waldisa Guarnieri ([1989] 2010) defende que a identidade cultural é mais do que uma memória coletiva, é, sobretudo, uma consciência coletiva operada dinamicamente. A autora indaga a motivação dos espaços culturais manterem uma identidade estática e imutável, quando a cultura é ativa por excelência. Guarnieri (1980, p. 240) defende “[...] uma Museologia que se situe no social, que dele não fuja... [e que] Os museus são microsistemas dentro do sistema social; interagem um com o outro. Podem e devem ser os grandes agentes dos processos ligados à Humanização e ao respeito à Vida”. O Museu das Ilhas é um exemplo de instituição que não está fechada em si mesma, porque tem, nas mãos de agentes da comunidade, um ritmo pulsante.

Fundado em 18 de março de 2016, sob a forma de um museu de rua composto por 27 painéis instalados em seu território, reúne os elementos obtidos por meio de um inventário participativo feito em parceria com o curso de Museologia da

Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul (UFRGS), numa proposta continuamente ampliada para as demais ilhas habitadas (Figura 2).



**Figura 2 – Informativo da rota do museu de rua na Ilha da Pintada do Museu das Ilhas.**

Após a produção deste Mapa, mais dois pontos foram contemplados, totalizando 27 painéis.

Fonte: Museu das Ilhas, 2020, doc. eletr.

Para dar início ao projeto, foi realizado um inventário participativo, segundo metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR), produzida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (INSTITUTO, 2009). Como lembra Chuva (2015, p. 43), trata-se de uma metodologia que inclui o inventário dos bens de qualquer natureza, e “[...] propõe uma associação com o patrimônio material, ao indicar a observância das edificações e espaços construídos significativos para as práticas e manifestações”. E, uma vez que seu foco é a identificação do que é referência de identidade dos grupos sociais, inclui quatro categorias de bens levantados:

Celebrações (festividades e rituais públicos associados ao calendário religioso ou a outros aspectos da vida social de um grupo); formas de expressão (prática de modalidades não linguísticas



de comunicação e expressão); ofícios e modos de fazer (conhecimentos tradicionais e procedimentos utilizados no trabalho, na cura e outras práticas sociais); lugares (espaços apropriados por cerimônias e outras práticas coletivas) (CHUVA, 2015, p. 43).

Participaram do inventário cinquenta pessoas, representativas da comunidade, e incluiu as categorias: território, lendas e tradições, história, ofícios e saberes e fazeres. Dele resultaram as propostas de constituição do Museu sob a forma de um museu de rua, a céu aberto, e de inserção de um programa de educação para o patrimônio no currículo das escolas locais.

Desse modo foram produzidos os painéis, que vem permitindo que, cada vez mais, os moradores se identifiquem com a sua própria história e com seu território<sup>8</sup>. Entre eles, destacam-se o que apresenta as diferentes versões sobre a origem do nome da Ilha da Pintada<sup>9</sup>, o que descreve a passagem do movimento da Revolução Farroupilha na região e o que se situa na sede da AFROSOL (Associação Escola de Samba Afrocultrual Unidos do Pôr do Sol), ponto referência da história dos moradores negros da Ilha da Pintada (Figura 3).



**Figura 3 – Recepção no ponto Afrosol do museu de rua.**

Fonte: Fotografia das autoras, 2020.

Hoje, além de ser reconhecido como equipamento cultural importante no Bairro, o Museu das Ilhas foi incorporado à comunidade, se tornando um museu efetivamente comunitário. Além disso, se converteu num destino turístico que atrai visitantes de diferentes regiões do País e pesquisadores do exterior (Figura 4).



**Figura 4 – Visita ao circuito do museu de rua realizada por integrantes da comunidade.**

Fonte: Fotografia das autoras, 2020.

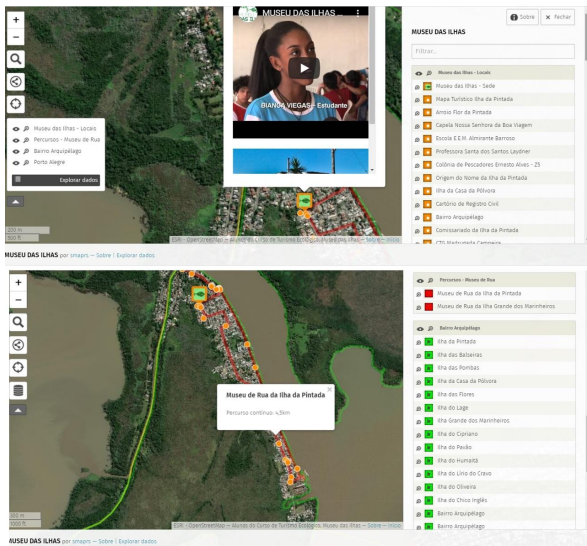
Além de ser um ponto de memória, é um lugar de inclusão. Nele, a memória permite o entrelaçamento entre passado, presente e futuro, numa trama de significados que contribui para a valorização das pessoas, do ser e estar no mundo. Em suas ações, dissensos e conflitos são apaziguados, o que permite certa harmonia na convivência cotidiana entre os diversos atores sociais que constituem a comunidade, na perspectiva de construção de um mundo melhor. Trata-se da concretização do que Priosti e Varine (2007) consideram funções inerentes a um museu comunitário:

[...] não só coleções musealizáveis, mas, e prioritariamente, o patrimônio das relações cotidianas, a própria dinâmica da vida humana em interação com outras vidas, a diversidade cultural, a biodiversidade, ou seja, o patrimônio da biosfera que abriga todas essas relações (PRIOSTI; VARINE, 2007, p. 65).

Uma das suas primeiras reverberações foi a criação de um curso de guias de ecoturismo, dentro do Programa Jovem Aprendiz do Polo Marista de Formação Tecnológica, realizado no turno inverso ao das escolas, aberto a estudantes que moram na região das ilhas, mediante a concessão de uma bolsa com valor financeiro significativo para a região. Com forte ênfase na educação ambiental, inclui roteiros para conhecer as Ilhas<sup>10</sup>, organização de eventos, visitas a museus, oficinas de fotografia e de teatro, dentre outros. A manifestação de uma das alunas,

Thielle Bourdignon, revela o seu significado: “Me criei no Bairro Arquipelago, mas jamais imaginava que temos tantas ilhas. Estamos descobrindo o lugar que a gente mora. Isso me dá mais orgulho de viver aqui”. Ou, de outra, Gabrielle Martins, “Queremos tirar o foco das enchentes e das coisas ruins. Temos muito potencial para apresentar a quem vier nos visitar”<sup>11</sup>.

Durante o curso, foi montado um mapa virtual e interativo apresentando o roteiro dos painéis de rua<sup>12</sup> que facilita a orientação das pessoas que fazem o percurso (Figura 5), assim como foi feita a confecção de uma maquete tátil (Figura 6), disponibilizada em diferentes espaços da Ilha, para facilitar a visitação de pessoas com deficiência visual.



**Figura 5 – Mapa virtual e interativo com o roteiro do museu de rua da Ilha da Pintada.**

Fonte: Disponível em

[https://umap.openstreetmap.co/pt/map/museu-das-ilhas\\_2412#16/-30.0127/-51.2612](https://umap.openstreetmap.co/pt/map/museu-das-ilhas_2412#16/-30.0127/-51.2612). Acesso em: 22 set. 2020



**Figura 6 – Maquete tátil do roteiro do museu de rua da Ilha da Pintada.**

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Também foi instituído o evento *Rio Iluminado*, realizado anualmente, numa estratégia de valorização dos pescadores, do rio e do território, que inclui apresentações culturais, atividades lúdicas e o recolhimento de lixo do rio, além da distribuição de cestas básicas para as famílias carentes. O seu ponto alto, porém, é a chegada dos barcos dos pescadores, enfeitados com lanternas de papel.

O programa de educação para o patrimônio, proposto durante o inventário, vem sendo operacionalizado de forma que permita ao indivíduo refletir sobre sua inserção no tempo-espaço, além de fomentar práticas educativas conscientes em torno do meio ambiente, ao mesmo tempo em que contribui para a preservação do patrimônio cultural e do desenvolvimento comunitário.

Nessa linha, é importante citar as ações incluídas no currículo da Escola Estadual Maria José Mabilde. Entre essas ações está uma atividade em que os alunos são provocados a pensar sobre o que reconhecem como sendo o seu patrimônio local, a partir de caminhadas pela Ilha, fotografando o que consideram mais significativo, para posterior discussão em sala de aula. Entre os pontos



recorrentes, são apontados o Terreiro da Afrosol e a Colônia de Pescadores Z5, considerados marcos que representam a cultura local e os sentidos múltiplos do conceito de patrimônio.



**Figura 7 – Terreiro e a Colônia de Pescadores Z5: marcos da Ilha da Pintada pelos estudantes.**  
Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Outra atividade importante é a peça de teatro (Figura 8) denominada ‘Mistérios da Ilha’, protagonizada por alunos, professores e moradores da vizinhança, inserida no currículo da escola no turno inverso das aulas, que, além de ser apresentada na escola, assume a forma de um cortejo circense que percorre as ruas da Ilha, com forte repercussão popular. Dessa maneira, as histórias contadas pelos pais, avós e vizinhos, durante o inventário participativo, aproximaram as gerações ao serem transformadas numa peça teatral, cujo roteiro é produto da criação coletiva dos participantes.



**Figura 8 – Peça de teatro pelos alunos da Escola Estadual Maria José Mabilde.**

Fotografia de Tadeu Vilani / Agência RBS. Fonte: Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/08/alunos-e-moradores-da-ilha-da-pintada-fina>

lizam-projeto-cultural-com-apresentacao-de-peca-em-escola-cjzn8sksp013j01paqavmm82b.html. Acesso em: 22 set. 2020

Outra atividade que merece destaque, também reflexo do inventário, é a exposição de fotografias Interfaces ‘Arquipélago: um bairro feito de ilhas e muitas histórias’ (Figura 9), numa parceria entre o Projeto Jovens Aprendizes, o Museu das Ilhas e o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, no bairro Cidade Baixa. Por decisão dos alunos, foi exposta nesse local, bem distante da Ilha, para que pessoas de fora do bairro pudessem conhecer um pouco de seu patrimônio, registrado em fotografias e vídeos<sup>13</sup>.



**Figura 9 – Chamada da exposição Interfaces Arquipélago: um bairro feito de ilhas e muitas histórias e fotografias em exibição ao público.**

À direita, fotografia de Maria Ana Krack/ PMPA. Fonte: Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smc/noticias/bairro-arquipelago-em-mostra-no-museu-joaquim-felizardo> Acesso em 22 set. 2020

Assim, o Museu tem reverberado junto à comunidade escolar, que vem se transformando num referencial de incentivo à transmissão das tradições que fazem parte do patrimônio cultural. Pela sua ação e influência, ele substitui a falta de políticas públicas que deviam dar suporte à valorização desse patrimônio, considerando que: “A preservação do patrimônio cultural é a expressão política da memória; e a seleção de quais bens serão protegidos é uma escolha política, que se utiliza da dialética presente na relação memória e esquecimento” (CAMPOS, 2015, p. 24).

E, corroboramos o autor ao afirmar que:

[...] é preciso que se proteja o patrimônio cultural não com imposições verticais, de cima para baixo; é necessário que se vincule a população envolvida com o patrimônio, já que o sentimento de

pertencimento refere-se a esse grupo e ele é o produtor de determinado saber; é ele que se expressa de determinada forma; é no ambiente desse grupo que se celebra algo; ou é esse grupo que se apropria de determinado lugar como símbolo de sua cultura. Portanto, é a atribuição de valor dada por uma coletividade a um determinado bem que o legitima como patrimônio cultural e não as determinações de órgãos estatais ou simplesmente disposições legislativas (CAMPOS, 2015, p. 26).

Hoje, podemos afirmar que o Museu das Ilhas incentivou a apropriação do patrimônio cultural ilhéu pelas novas gerações que, ao conhecerem o seu território, sua história e tradições, dele se apropriaram. Em consequência, a autoestima dos jovens vem sendo reforçada, e entre eles nasceu um sentimento de pertença e de orgulho em relação ao seu território. Daí resultou um tímido, mas crescente movimento para reverter a imagem negativa do bairro, acompanhado do empoderamento dos alunos em relação a ele, a ponto de, finalmente, perderem a vergonha de serem reconhecidos como seus moradores.

## **Um exercício museal comunitário durante a pandemia**

Um dos papéis da universidade é aplicar o conhecimento que produz em ações comunitárias, devidamente integradas aos saberes populares. No caso do bairro Arquipélago, isso se traduziria, conforme Santos (1996), no desvendamento do mundo e na construção de melhores condições de vida, naquilo que o autor chama de configuração dos saberes:

A universidade deve ser um ponto privilegiado de encontro entre os saberes. A hegemonia da universidade deixa de residir no caráter único e exclusivo do saber que produz e transmite para passar a residir no caráter único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona (SANTOS, 1996, p. 224).

A integração dos conteúdos, metodologias e teorias próprias do campo da Museologia vem

colaborando com os moradores no processo de valorização do patrimônio social, cultural e ambiental do bairro Arquipélago. A iniciativa da comunidade, ao solicitar a parceria do curso de Museologia no projeto de criação do Museu, abriu um caminho mais amplo e complexo do que se poderia imaginar de início. Tanto para a comunidade, quanto para a Universidade, trata-se de uma relação importante e produtiva, pela integração e troca de experiências, metodologias e saberes.

Em recente manifestação, Santos (2020) reafirma que o futuro da universidade pós-pandêmica está condicionado à inserção que poderá fazer na sociedade. O autor destaca que o conhecimento que ela produz é válido:

[...] e tanto mais precioso quanto melhor souber dialogar com os outros saberes que circulam na sociedade. Uma universidade encerrada em si é um instrumento fácil dos poderes econômicos e político que a querem por a seu serviço (SANTOS, 2020, doc. eletr.).

Quando se fala neste exercício museal comunitário, o que se tem em mente é a possibilidade de integração efetiva do currículo de Museologia na qualificação do Museu das Ilhas, colocando à disposição da comunidade todo o aparato teórico, metodológico e prático próprio do Curso, nos níveis de graduação e pós-graduação.

É nessa conjunção que se potencializa o museu enquanto espaço relacional, instância que se fundamenta enquanto experiência. Soares (2012b, p. 200) reforça que “Museus não lidam com o passado, mas com aquilo que é possível fazer dele”. A estudante Gabrielle Martins compartilha sua relação com os projetos do Museu das Ilhas:

O que a gente vem aprendendo [...] influenciou muito em nossas vidas, por a gente aprender coisas novas, próprias da Ilha e do lugar de onde a gente mora que muitas vezes não conhecia<sup>14</sup>.

Dinâmicas que articulam espaço, tempo, memória e identidade incentivam a problematização crítica da própria história desses agentes locais e, mais ainda, estimulam neles novas formas de interpretar a realidade vivenciada cotidianamente.

Portanto, o Museu, apropriado, regido e idealizado pelos próprios agentes representados na realidade interpretada, se aproximam do que Bulhões (2016, p. 25) reitera como lembranças fraternas das Musas, o Fratrímônio: “uma construção coletiva, feita entre gente que se olha olho no olho, que se abraça quando é igual, que se abraça quando é diferente.” Tendo como base a fratria “todos os laços psíquicos de filiação, laço real, consanguíneo, ou de afiliação, que abrange *qualquer vínculo de pertencimento a um grupo, comunidade ou instituição*” (grifo da autora).

O Museu e seus desdobramentos valorizam o afeto. Mais do que coleções materiais, nele se preservam coleções de transformações pessoais e coletivas, de solidariedade, de reação à mudança social. Ele representa uma sociedade em movimento. Portanto, ele não poderia parar durante a pandemia do Covid-19 que assola o planeta. O que poderia ser feito para não deixar esmorecer os ecos do patrimônio que reverberam entre os moradores? Como vem sendo feito por todo o mundo, foi necessária a migração para as plataformas digitais, fazendo-se o uso cada vez maior das redes sociais e das ações remotas.

Não se trata de nada novo, Mário Moutinho, em 1993, destacava que “O conceito de Museologia Social traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionamentos da sociedade contemporânea” (MOUTINHO, 1993, p. 7). E, nesse contexto, o autor já sugeria o uso das tecnologias de comunicação para ampliar o raio de ação das ações museais.

Eis que, enfrentando hoje a pandemia, o Museu teve que se reinventar, adaptando suas atividades, vínculos e conexões comunitárias ao mundo virtual, a fim de que permanecesse na condição de um museu comunitário. Migrando para as redes sociais, foram criados dois projetos no campo da educação para o patrimônio. O primeiro, denominado ‘Ilhas do Guaíba, cantos & encantos: olhares insulares’, é uma exposição virtual, que reúne fotografias feitas por moradores locais e simpatizantes do Bairro Arquipélago, em que as pessoas foram convidadas a fixarem seu olhar através da janela de suas casas, para captar a vida em

movimento<sup>15</sup>. A figura 10 apresenta a capa de abertura da exposição e o convite à participação:

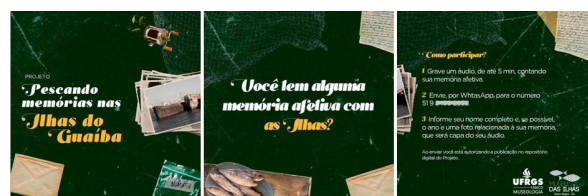


**Figura 10 – Página de abertura da exposição Ilhas do Guaíba, cantos & encantos: olhares insulares e convite de adesão ao projeto.**

Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/museudasilhas/>. Acesso em: 22 set. 2020

No projeto seguinte, intitulado Pescando Memórias nas Ilhas do Guaíba, em execução, as pessoas, tanto moradores do bairro como de fora dele, são convidadas a gravar um áudio contando uma memória afetiva em relação a uma das Ilhas, acompanhado de uma imagem, enviados pelo WhatsApp, em número exclusivo para receber as mensagens. A figura 11 apresenta o convite, que incentiva e orienta como pode ser feita a participação:



**Figura 11 – Convite à participação no projeto Pescando Memórias.**

Fonte: Felipe Pirovano (2020), bolsista do projeto.

O terceiro projeto que migrou para o mundo virtual foi o ‘Curso de Guias de Ecoturismo’, que conta com a participação de 27 alunos, agora moradores da Ilha Grande dos Marinheiros.

Diante do exposto, podemos considerar que se constituiu uma nova dinâmica para superar as adversidades impostas pela pandemia. O distanciamento social no mundo físico foi substituído pela aproximação que a virtualidade permite, num ato de vontade característico do coletivo. Gerir suas histórias é um exercício de



identidade que estimula a consciência, a criatividade e a mobilização frente à crise de caráter planetário que nos assola.

## Considerações finais

O Museu das Ilhas é resultado de uma demanda comunitária. Ainda que tenha uma sede para exposições de média duração, sua potência centra-se no patrimônio distribuído pelo território, considerando, inclusive, a comunidade seu principal valor. É a partir das relações entre os sujeitos que a realidade é interpretada e a natureza, as construções humanas e os saberes e fazeres ganham sentido. O peixe, ícone do Museu das Ilhas, talvez seja o melhor exemplo desse museu-processo, pois é, ao mesmo tempo, fonte de renda da comunidade pesqueira; assado numa taquara, torna-se almoço tradicional para os visitantes, na Semana Santa é considerado prato principal, e seus resíduos, na forma de ossos e couro, se convertem em belíssimas bijuterias nas mãos das artesãs.

Produto da vida dinâmica que se fortalece em suas bases identitárias, o Museu das Ilhas tornou-se espaço de articulação, integração e resistência de uma comunidade que, entre outros problemas, luta cotidianamente contra o declínio da pesca em função do aquecimento das águas, com a consequente queda na quantidade de peixes, e da desleal concorrência das empresas da indústria pesqueira. O lago Guaíba torna-se uma arena de luta pela sobrevivência, mas também se ressignifica nas mãos de quem precisa dele para se manter.

Outra constatação que a imersão na Ilha nos permitiu é que, em relação aos resultados reunidos por meio do inventário participativo, o aspecto de maior reverberação entre os alunos é a sustentabilidade. Incentivados pelas ações de educação para o patrimônio incluídas no currículo escolar e nas propostas de ação educativa e cultural do Museu, forjou-se um sentimento de pertença alicerçado na valorização do território, no respeito à diversidade e na responsabilidade de cada um na construção de um futuro melhor, o que se evidencia nas escolhas das temáticas das fotografias e nas ações ecológicas que executam. A isso se junta também a

preocupação em romper a invisibilidade das Ilhas dentro de uma cidade que dava as costas ao bairro.

Eis que 2020 foi acometido pela pandemia de Covid-19. Diante da reverberação social atingida até este momento, o Museu teve que se repensar. E o fez ampliando sua interlocução com a comunidade por meio das redes sociais. Tendo em vista o diálogo e a participação popular, executou duas formas virtuais de contato, através da fotografia e do áudio, em que as pessoas se manifestaram com grande interesse e resultados significativos. Enquanto esse período permanece, planeja a retomada de suas atividades presenciais, assim que houver uma saída epidemiológica que o permita.

O trabalho realizado aos poucos potencializa espaços que se tornam referência para a comunidade da diversidade cultural da região, como a sede da AFROSOL. Observa-se nesse processo novos protagonismos e, ainda que gradual, uma subversão da lógica da colonialidade local, baseada na epopeia dos açorianos como vencedores, considerados por muitos como responsáveis maiores pela constituição do patrimônio cultural das Ilhas, da cidade e do Estado. Apesar de se tratar ainda de uma arena de disputa das representações da origem identitária da comunidade, a inclusão da cultura afrodescendente e indígena está sendo incentivada nas ações do Museu e significada pelas novas gerações.

Compartilhamos algumas das propostas da comunidade feitas em reverberação às ações realizadas pelo Museu das Ilhas, mas muitas outras ainda estão por vir, pois o engajamento de gerações é notório e força motriz que justifica sua existência. Suas projeções se aproximam do que Waldisa Guarnieri idealizava por utopia museal: um caminho para a visualização de um futuro inovador e regenerador. Em sua tese, a autora afirma: “Os museus são filhos da sociedade que os engendra [...] e, como todos os filhos, servem para ajudar os “pais” no seu processo de atualização, de reciclagem do mundo” (GUARNIERI, 1980, p. 240). Assim, retomando o conceito de fato museal (Idem, [1981] 2010), podemos sugerir que as relações entre homem e o objeto estabelecidas a partir do Museu são profundas e provocam um comportamento ativo e criativo dentro da comunidade. Desejamos e atuamos para que ele se converta num permanente deflagrador de utopias.

## Notas

1 A cidade de Porto Alegre foi fundada oficialmente em 26 de março de 1772, denominada Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, um ano depois alternada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre.

2 Essa possibilidade decorre de uma série de nomes de origem africana, como Ilha Maria da Conga, Ilha do Quilombo, dentre outros. Além disso, há informações sobre a presença de quilombo na Ilha das Flores.

3 A região das Ilhas se situa entre os quatro bairros de Porto Alegre com IDH inferior à média nacional (0,727), a saber: Bairro Arquipélago (0,659), Lomba do Pinheiro (0,683), Restinga (0,685) e Extremo Sul (0,714). Disponível em:

[http://www.observapoa.com.br/default.php?reg=379&p\\_secao=17](http://www.observapoa.com.br/default.php?reg=379&p_secao=17). Acesso em: dez. 2020.

4 Para informações de seu tombamento, disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=56800>. Acesso em: 22 set. 2020.

5 Em rápido levantamento feito junto à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD) foram encontrados 35 trabalhos acadêmicos sobre as ilhas do Guaíba. Fonte: <https://bdtd.ibict.br/>. Acesso em: dez. 2020.

6 Educadora social, a Professora Teresinha Carvalho da Silva atua nas Ilhas desde 1980, responsável pela implantação de diversos projetos socioeducativos e culturais para populações carentes, dentre os quais destacam-se o Clube de Mães Unidas da Ilha Grande dos Marinheiros, a creche comunitária Anjos das Flores, na Ilha das Flores. Desde 1986, mora na Ilha da Pintada, onde vem se destacando pela recuperação da história local e pela criação de diferentes movimentos e organizações sociais, entre os quais a Associação dos Amigos Artesãos e Pescadores da Ilha da Pintada (AAAPIP) e da Associação dos Artesãos da Ilha da Pintada e Bairro Arquipélago (ART'ESCAMA). Em 2012, iniciou e liderou o projeto de criação do Museu das Ilhas de Porto Alegre, RS, tendo sido sua presidente durante dois mandatos e sua atual vice-presidente.

7 Para conhecer o Museu das Ilhas, entre em: <https://www.facebook.com/museudasilhas> Acesso em: 22 set. 2020.

8 É comum alunos afirmarem, durante os passeios na Ilha, que desconhecem grande parte de seu território, embora um circuito interno não seja superior a três quilômetros de caminhada.

9 A versão mais popular é a de que o nome da Pintada se refira à presença da dona de um bordel que teria existido na Ilha, por ser uma mulher muito maquiada, ou seja, pintada. Outra afirma que o nome vem do peixe pintado, que era abundante dos rios do Delta. Uma terceira sugere

que a sua justificativa se refira à presença de uma onça pintada, que teria nadado e se instalado na Ilha. E finalmente, uma última e menos aceita indicaria que seria ligada à presença de uma líder indígena que viveria na região.

10 Para mais informações sobre os estudantes se tornarem guias locais e se apropriarem do museu de rua da Ilha da Pintada, disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/03/museu-de-rua-revela-paisagens-e-historia-da-ilha-da-pintada-5115678.html> Acesso em: 22 set. 2020.

11 Para ler os depoimentos na íntegra, disponível em: <https://social.redemarista.org.br/centro/polo-cesmar/noticias/Paginas/museu-de-percurso-na-ilha-da-pintada-e-inaugurado.aspx> Acesso em: 22 set. 2020.

12 Para mais informações sobre mapa interativo, disponível em:

[https://umap.openstreetmap.co/pt/map/museu-das-ilhas\\_2412#12/-30.0003/51.2282](https://umap.openstreetmap.co/pt/map/museu-das-ilhas_2412#12/-30.0003/51.2282) Acesso em: 22 set. 2020.

13 Para maiores informações sobre a exposição, disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/10/museu-de-porto-alegre-apresenta-exposicao-sobre-as-ilhas-da-capital-a-partir-da-perspectiva-de-moradores-ck2f23ajg0biy01r2rjthuga7.html> Acesso em: 22 set. 2020.

14 Para acompanhar os depoimentos na íntegra, disponível em:

[https://umap.openstreetmap.co/pt/map/museu-das-ilhas\\_2412#15/-30.0037/-51.2608](https://umap.openstreetmap.co/pt/map/museu-das-ilhas_2412#15/-30.0037/-51.2608) Acesso em: 22 set. 2020.

15 Para visitar a exposição, convidamos a visitar a rede social do Museu das Ilhas no link: <https://www.facebook.com/museudasilhas/>.

## Referências

BULHÕES, G. C. As louças de vovó, o prato do garimpeiro, a altura dos olhos e nuvens; abelhas, formigas, seleção e seletividade; patrimônio, fratrimônio, a Casa da Princesa do Seu Tição e o Museu do Djhair; a cabeça da medusa, árvores, rizomas, afetos, afetividades e bem viver; coleções, acervos, musgo e outras performances museais. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, v. 4, n. 1, p. 7-54, 2016.

CAMPOS, Y. D. S. de. **Proposições para o patrimônio cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

CHAGAS, M. S. Memória e Poder: dois movimentos. **Estudos Avançados de Museologia**, 2011. Disponível em:  
[http://www.museologia-portugal.net/files/memoria\\_e\\_poder\\_dois\\_movimentos.pdf](http://www.museologia-portugal.net/files/memoria_e_poder_dois_movimentos.pdf) Acesso em: 22 set. 2020.

CHUVA, M. Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil. *In*: REIS, A. S.; FIGUEIREDO, B. G. (Orgs.). **Patrimônio imaterial em perspectiva**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

GUARNIERI, W. R. C. A interdisciplinaridade em Museologia, 1981. *In*: BRUNO, M. C. O. (Org.), **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 123-126.

GUARNIERI, W. R. C. Museologia e identidade, 1989. *In*: BRUNO, M. C. O. (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 176-185.

GUARNIERI, W. R. C. **Um Museu de indústria em São Paulo**. 1980. 264 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), São Paulo, 1980.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E NACIONAL. **Inventário Nacional de Referências Culturais, Instrução Normativa 001, de 2 de março de 2009**. Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>  
Acesso em 22 de set. de 2020.

MOUTINHO, M. Sobre o Conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**, v.1, n.1, p. 7-9, 1993.

PIROVANO, F. M. **Convite para participação no projeto Pescando Memórias nas Ilhas do Guaíba**. Porto Alegre, UFRGS/Programa de Extensão em Educação para o Patrimônio no Bairro Arquipélago, 2020.

PRIOSTI, O. M.; VARINE, H. O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 28, n. 28, p. 57-70, 2007.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual do Meio Ambiente. **Decreto 24.385 de 14 de janeiro de 1976**. Disponível em:  
[https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/1976/dec\\_24385\\_1976\\_parquees\\_tadualdeltajacui\\_rebioilhaspombaspolvora\\_rs\\_altrd\\_dec\\_28161\\_1979.pdf](https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/1976/dec_24385_1976_parquees_tadualdeltajacui_rebioilhaspombaspolvora_rs_altrd_dec_28161_1979.pdf) Acesso em: 22 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei 12.371 de 11 de novembro de 2005**. Disponível em:  
<https://www.sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201612/06174147-lei-12371-05-cria-apadeltadojacui.pdf>  
Acesso em: 22 set. 2020.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 2a ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, B. S. **A universidade pós-pandêmica, 2020**. Disponível em:  
<https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/boave-natura-a-universidade-pos-pandemica/> Acesso em: 22 set. de 2020.



SCHEINER, T. Museologia e apresentação da realidade. *In: XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM*, Equador, 2002. p. 96-105.

Disponível em:

[http://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2018/12/lam\\_2002.pdf](http://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2018/12/lam_2002.pdf). Acesso em: 22 set. de 2020.

SOARES, B. B. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do Museu. **Revista Museologia e Patrimônio**, v.5(n.2), p.55-71, 2012a.

SOARES, B. B. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. *In: Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012*, Petrópolis, 2012b. p.192-204. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/3267925-Icofom-lam-2012-21o-encontro-regional-21o-encuentro-regional.html> Acesso em 22 de set. de 2020.

VARINE, H. **As Raízes do Futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.